

ECONOMIA

Economia - Brasil

Diretor da Fiesp prevê recessão no início de 95

Ricardo Leopoldo

“Em janeiro poderá haver uma recessão”. A frase é de Mário Bernardini, diretor do Departamento de Economia da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp).

Ele acredita que o desemprego poderá aumentar no início de 1995 caso os juros continuem elevados.

Bernardini entende que a elevação dos juros irão prejudicar toda a população, pois, estarão muito altos. O elevado custo do dinheiro, irá atingir os consumidores, através de um arrocho no crédito para compra de bens.

“O governo terá de se livrar de uma armadilha. Se tiver mais serenidade, e procurar dialogar com empresários e trabalhadores, haverá uma boa solução. Caso contrário, a situação ficará difícil”, diz.

Temor — O temor do empresário é fundamentado na projeção do

mercado financeiro de que os juros mensais em dezembro chegarão a 4,25%, cerca de 0,5% acima dos valores praticados ontem pelos bancos de todo o país.

*“O Real jamais será
um plano de
recessão,
mas um plano para
dar estabilização
à economia”*

Itamar Franco
Presidente da República

Além do custo do dinheiro efetivamente chegar “aos céus”, como ameaçou o ministro da Fazenda, Ciro Gomes, Mário Bernardini entende que a economia pode entrar em ligeiro colapso se as alíquotas de impostos forem reduzidas ainda mais.

Ailton Almeida, reponsável pela administração de US\$ 45 milhões da carteira de investimentos do Banco Arbi, entende que o Banco Central opera com o dilema de aumentar os juros internos e coordenar a entrada de capitais nas bolsas.

Crítica — Emerson Kapaz, presidente da Associação Brasileira das Indústrias de Brinquedos (Abrinq) é um dos empresários mais críticos à política de juros estabelecida pelo governo desde o início do real.

Em 1º de julho, o custo mensal do dinheiro estava em 8,2% e chegou ontem a 3,70%. Kapaz acredita que os juros prejudicaram o setor industrial, já que as indústrias precisavam de dinheiro para produzir as encomendas do fim de ano.

“As empresas atuam a médio prazo. Quando o mercado financeiro cobra caro pelo capital é impossível que a produção fique normalizada”, relata.